



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CIÊNCIA DOS DISCURSOS IDEOLÓGICOS

Silvério Guazzelli Donatti<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo, diferentemente de realizarmos uma exegese do pensamento saussuriano, a fim de arbitrar sobre a relevância ou não da Ciência dos Discursos Ideológicos (CDI) para os estudos linguísticos, ou abordarmos todos os aspectos desta CDI desenvolvida no âmbito do materialismo histórico, pretendemos pontuar alguns aspectos desta ciência e da linguística inaugurada por Ferdinand de Saussure que autorizariam tal continuidade teórica reivindicada pela proposta de Carlos Henrique de Escobar pautada na indissociável relação: discurso – sujeito – história. Concluimos que sim, uma CDI saussuriana é possível.

**Palavras-chave:** Saussure, Escobar, ciência dos discursos ideológicos, linguística.

**Resumen:** En este artículo, a diferencia de realizar una exégesis del pensamiento de Saussure con el fin de decidir sobre la pertinencia o no de la Ciencia de los discursos ideológicos (CDI) para los estudios lingüísticos, o acercarnos a todos los aspectos de la CDI desarrollada dentro del materialismo histórico, tenemos la intención de señalar algunos aspectos de esta ciencia y de la lingüística inaugurada por Ferdinand de Saussure que autorizan dicha continuidad teórica reclamada por la propuesta de Carlos Henrique de Escobar gobernada por el vínculo indisoluble: discurso - sujeto - historia. Llegamos a la conclusión de que una CDI de Saussure es posible.

**Palabras clave:** Saussure, Escobar, ciencia de los discursos ideológicos, lingüística.

### Saussure e Escobar

Ferdinand de Saussure é considerado o pai da linguística e dispensa apresentações; Carlos Henrique de Escobar<sup>2</sup> é autodidata, marxista e leitor de Althusser. Com relação à

---

<sup>1</sup> Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, mestrando do Programa de Pós Graduação em Linguística – PPGL/UFSCar, com a dissertação: *Os conceitos de língua (langue) em dois programas da linguística saussuriana*, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mônica Baltazar Diniz Signori.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

‘grande *summa* da doutrina saussuriana’ é notório o fato de que o *Curso de Linguística Geral* (CLG) é um livro póstumo que não foi realmente escrito por Saussure. A CDI é uma proposta escobariana que partiu da releitura da linguística saussuriana, em larga medida via CLG, desde a ótica do materialismo histórico. Escobar irá retomar a constatação de Saussure presente no *Curso* de que a linguística é uma parte (independente) de uma ciência que lida com “*a vida dos signos no seio da vida social*” (SAUSSURE, 2006, p.24, grifo do autor) – para desenvolver essa semiologia que faria parte da psicologia conforme proposto por Saussure. A CDI propõe realizar a conexão entre essa psicologia e a ciência da história.

A força da CDI consiste na proposição de tomar as produções linguísticas – à luz do marxismo – como um lugar privilegiado de realização, portanto, potencialmente adequado para a compreensão da ideologia. Com efeito, a materialidade linguística é um dos modos de ser da ideologia dentre as várias manifestações possíveis. A ênfase recai sobre a compreensão do processo discursivo a um nível social, na medida em que o compreende como meios de trabalho. Escobar concebe “a língua, bem como outras materialidades, como meios de trabalho para produção do discurso no interior de uma Ciência dos Discursos Ideológicos.” (KOGAWA, 2012, p.16). Contudo, o procedimento estrutural deve ser problematizado para que se atinja essa finalidade.

Na esteira de Althusser, uma sociedade compreende-se como um todo complexo com dominante constituído por ideologias. Para Escobar é urgente elaborar uma teoria dos discursos para compreender as *formas* de ocorrência dessas ideologias e ele pretende fazê-lo a partir da linguística saussuriana.

### **CDI – Alguns aspectos**

A ciência dos discursos ideológicos na prática é um vínculo entre um lado continente da *ciência da história* e outro contido da *psicologia social* que por sua vez, contém uma

---

<sup>2</sup> Professor da UFRJ, da UFF e da PUC-RJ. Fundador da Escola de Comunicação da UFRJ. Fundador do Instituto de Arte e Comunicação da UFF. [...] Coordenador e editor da Revista Tempo Brasileiro nos temas de Filosofia Estruturalista e Epistemologia. Autor de artigos nas revistas da Editora Vozes, Editora Tempo Brasileiro, onde também foi tradutor. Responsável no Brasil, na década de 1960, da revista francesa Cahiers pour l'Analyse. Portador do título de Notório Saber concedido pela UFRJ em janeiro de 1986. Autorizado pelo CEPG à defesa direta de tese para obtenção do grau de Doutor em 1990. Obteve o grau de doutor defendendo a tese O Marxismo Trágico (O Marxismo de Marx) na Escola de Comunicação da UFRJ. [trecho reproduzido da plataforma Lattes-CNPq].



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

*semiologia materialista*. Objetivando destacar a produção-reprodução das convenções sociais que se realizam nos discursos, a CDI põe em foco os *meios de trabalho* que se dão pelos discursos ideológicos, analisando-os por um mecanismo da *psicologia social* que opera com os discursos articulados em pelo menos duas subestruturas fundamentais. Destas a estrutura mais objetiva, é a Estrutura Elaborada (EE) na qual os *aparelhos ideológicos do estado* (igreja, escola, instituições, etc.) operam *processos de trabalho de discursos de classe social* (PTDC) em articulação com a outra estrutura mais subjetiva denominada de Estrutura de Instauração (E de I), na qual o *inconsciente histórico* (tabus, mitos, crenças, moral, preconceitos, etc.) opera *processos de trabalho psíquicos* (PTP) sendo que ambas são operações complexas, pois estes processos de trabalho sempre são também linguísticos, quando não linguístico-psíquico-social.

Na perspectiva escobariana, ciências como a dos discursos ideológicos, a psicologia, a semiologia, a linguística, etc. só se podem constituir de maneira teórica “no plano teórico geral de fundo das instâncias *relativamente autônomas* no objeto de conhecimento da ciência da história” (ESCOBAR, 1973, p.239, grifo nosso). Por isso, na CDI as forças produtivas são os *agentes* e os *meios de produção*. Os agentes da estrutura de produção são: *trabalhador e não-trabalhador*. Os meios de produção são: os *objetos de trabalho* e os *meios de trabalho*. Estas três invariantes da estrutura de produção – trabalhador, meios de produção (objeto de trabalho, meios de trabalho) e não-trabalhador – ajudam a pensar, no quadro das duas relações (relação de apropriação real, e de propriedade) os discursos ideológicos, ou seja, levam à compreensão do “*papel dominante dos instrumentos de produção*, como aquela parte imediatamente estruturada no Inconsciente.” (ESCOBAR, 1973, p.240-241, grifo do autor).

Independentemente da problemática desta teoria (CDI) ser uma recepção da Análise do discurso (AD), conforme expressado por Kogawa<sup>3</sup> em relação à teoria de Escobar, concordamos com o exposto de que “Escobar propunha que se tomasse a materialidade linguística como um modelo a ser expandido para outros campos da produção sócio-cultural, ou seja, *já havia uma visada semiológica de base saussuriana*” (KOGAWA, 2009, p.2, grifo nosso), que foi recuperada pela proposta escobariana.

---

<sup>3</sup> Afirmação de Maria do Rosário Gregolin, no período, orientadora de Kogawa. Para ambos não apenas a obra *Proposições*, mas ainda os textos de Escobar publicados na revista *Tempo Brasileiro* seriam uma primeira recepção da filosofia althusser-pecheutiana e um aporte pioneiro da AD francesa no Brasil.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## Fizeram do filósofo da linguagem Saussure um estruturalista

A CDI de certa forma teve sua origem na compreensão de que a leitura estruturalista que se fez de Saussure dos Cursos “transformaram sua obra (CLG) num trabalho que espelha mal suas posições e que na base – no seu estatuto epistemológico – foi radicalmente transformada.” (ESCOBAR, 1973, p.19). Escobar entende que Saussure superou, em seu projeto teórico, a linguística presente nos Cursos, que estes “*não constituem* a ciência de Saussure, mas aquilo que a precede” (1973, p.64, grifo do autor) sendo uma “espécie de leitura que Saussure faz da linguística do seu tempo e da linguística imediatamente anterior” (1973, p.65) dentro das limitações de um programa a ser cumprido, e da inexperiência dos alunos ouvintes em matéria de linguística, cujas anotações serviram de base para o CLG. E acerca de uma linguística que não era nem de perto a totalidade daquilo que Saussure havia produzido intelectualmente à época.

Logo, aspectos relevantes da linguística estruturalista como “a dicotomização [...] não pertencem a Saussure mas resultam da ‘leitura’ que ele sofreu, na medida do inacabamento eventual e do abandono de que resultou sua obra na tradição e na contemporaneidade linguística” (ESCOBAR, 1973, p.119). A rigor, Saussure nunca foi estruturalista. Para Escobar, é necessário reunir os “termos mais ou menos incompletos da verdadeira problemática linguística saussuriana” (1973, p.114). Saussure reconhece que “o trabalho do historiador pode lançar uma luz muito viva, incidindo sobre as condições que regem a expressão do pensamento” (2004, p.45). Em outras palavras, a língua pode ser autônoma e o é, exatamente por ser “um sistema que funciona [internamente], repetimos, totalmente independente da história” (SAUSSURE, 2004, p.45), todavia os empregos que se faz deste sistema não o são, e logo veremos que eles também constituem um sistema de valores.

Portanto tomar para si a tarefa de “procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história” (SAUSSURE, 2006, p.13) implica “retomar os ensinamentos verdadeiros que os *Cursos* e *escritos* [os manuscritos e não o *Escritos de linguística geral*] de Saussure transmitiram no começo do século.” (ESCOBAR, 1973, p.75 grifo do autor). Então, Escobar propõe que “podemos, estrategicamente, pensar desde já os



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

*vazios presentes* em Saussure, na medida em que lhe faltou o materialismo histórico.” (1973, p.98 grifo do autor).

Embora não a desenvolva ou dê destaque, o próprio CLG reconhece a possibilidade de existência de uma ‘linguística externa’, e fornece diversos elementos para sua realização *apócrifa*. Segundo Escobar, “[a] ‘linguística externa’ quer dizer [...] a aplicação da teoria geral da linguística (a *langue*) à análise dos objetos reais concretos singulares de linguagem (as *formações de língua* – as *conjunturas de linguagem*)” (1973, p.105 grifo do autor), ou: a análise das produções das línguas. Encaramos a CDI de Escobar como uma linguística externa possível nos conceitos propostos por Saussure, principalmente considerando o que de Saussure ficou fora do CLG.

Segundo Kogawa, em *Proposições para uma semiologia e uma linguística*, Escobar “ao re-ler o *Curso de linguística geral* à luz de *As fontes manuscritas* e de *As palavras sob as palavras*, [...] percebe lacunas no *CLG* que podem ser preenchidas por uma Ciência dos Discursos Ideológicos” (2012, p.11) e conclui que “os trechos do *Curso* em que Saussure denega o sujeito e a história nada mais são do que um desvio de interpretação dos editores em relação ao pensamento de Saussure ele mesmo.” (KOGAWA, 2012, p.16). O procedimento estrutural deve ser problematizado para alcançar a finalidade de recuperar uma visada teórico-científica de Saussure. Escobar propõe uma leitura da *opus* saussuriana a partir de uma perspectiva que concebe “a língua, bem como outras materialidades, como meios de trabalho para produção do discurso no interior de uma Ciência dos Discursos Ideológicos” (KOGAWA, 2012, p.16).

### **Possibilidades**

Mesmo que na linguística saussuriana não existisse elemento algum que autorizasse a postura escobariana frente ao linguístico, na ciência da história se daria a exigência de uma abordagem deste tipo. São inestimáveis as vantagens de erigir uma teoria dos discursos ideológicos com base numa teoria ‘nova’, mas sólida e vigorosa como a de Saussure.

De qualquer forma fica clara a potencial compatibilidade entre a linguística saussuriana e o marxismo, passando por uma psicologia, a partir das relações entre sujeitos em sociedade, pois qualquer das disciplinas que se constituam a partir das noções de *discurso*, *sujeito* e *história*, em algum momento terá que pensar e repensar as relações possíveis entre



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

estas três noções. É uma análise de um fato qualquer (por exemplo, um fato linguístico) é passível de ser realizada, em níveis distintos, na linguística, no materialismo histórico e na psicologia.

Segundo Saussure “a *base perceptível*, que é o primeiro e o último fundamento de qualquer espécie de consideração linguística, histórica, filosófica, psicológica, [...é] a *diferença das formas*.” (2004, p.47, grifo nosso). Em outras palavras, o que se destaca são os valores, que se definem pelo conjunto de demais valores de mesma espécie, sejam signos, ideologias, conceitos, desejos, etc. Esta constitui-se ainda outra característica que permitiria à CDI aceder à qualidade de uma ciência no continente teórico da história, ao mesmo tempo que incorpora através da psicologia social, uma semiologia materialista e uma linguística científica.

### **Semiologia materialista**

A semiologia materialista seria a disciplina que por excelência cuidaria dos discursos de estatuto semiológico, entendendo estes como todo e qualquer discurso verbal, imagético, sincrético etc. que produza algum tipo de sentido ou significação. Todo o empenho da linguística em constituir-se autônoma, não supõe que ela não possa expandir-se e ultrapassar os seus limites para pensar a si própria, nem resulta em que não abordando aspectos exteriores, eles não produzam efeitos. Os signos são o elo, o recurso entre a língua e o discurso. Os valores da língua só poderão sustentar sua independência na perfeita negatividade decorrente da solidariedade dos elementos num sistema, se e somente se os seus signos tiverem um conceito que possa ser discursivamente representado, um conceito discursivizável. A linguagem não é menos heteróclita porque fomos capazes de formular o conceito de língua.

Na semiologia materialista importa destacar que estes discursos apresentam valores aparentemente positivos. Os valores negativos, relacionais da *langue* salvaguardam seus elementos da hierarquização do valor, ao mesmo tempo em que a livra da intromissão de elementos estranhos ao sistema. O mesmo não ocorre com os discursos, que na ‘positividade’ de seus valores encontra uma hierarquia tributária do contexto histórico e suas ideologias dominantes que determinam toda a estrutura de produção (e de reprodução e circulação) de discursos. A semiologia materialista por sua vez conteria uma linguística científica. A



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

linguística científica saussuriana desenvolvida por Escobar bem como a semiologia materialista são meios de trabalho discursivo segundo a ciência dos discursos ideológicos.

### **Linguística científica**

A linguística científica é a linguística interna saussuriana enquanto teoria. Uma epistemologia da linguística, uma linguística do discurso. Em Saussure havia uma constante preocupação com a filosofia da linguagem, aspecto este desconsiderado pelos redatores do CLG. Escobar não foi o primeiro nem tampouco será o último a destacar a constante vigilância epistemológica saussuriana.

Para Escobar Saussure concebe a língua como “Os conceitos todos que, sistematizados, são o objeto de conhecimento (langue), [e] não constituem aspectos empíricos de uma língua particular (formação linguística).” (ESCOBAR, 1973, p.83). Assim entende a língua como forma e não substância. Uma forma que “constitui o corpo todo de uma prática situada numa formação social.” (ESCOBAR, 1973, p.103).

### **Os conceitos transdisciplinares de valor e forma estabelecendo relações**

Segundo Saussure, o dualismo da linguística não é entre significante (físico) e significado (mental). O dualismo para ele reside na dualidade do fenômeno vocal como tal e dele como signo. Ou seja, do fato físico (objetivo) e do físico-mental (subjetivo), isto é, o dualismo reside na objetivo-subjetividade da linguagem. “de maneira alguma do fato ‘físico’ do som por oposição ao fato ‘mental’ da significação.” (SAUSSURE, 2004, p.24). Nas articulações recíprocas da história com o sujeito por meio do discurso também há uma articulação do social (físico/objetivo) com os sujeitos (mental/subjetivo). Tudo organizado por seus respectivos sistemas de valores. Que às vezes, em determinadas condições, produzem alterações nos outros, como um corte epistemológico, por exemplo.

O valor não se conhece pelo *significante* ou pelo *significado*, mas das operações que mantém entre eles e com todos os demais significantes e significados sincrônicos a eles. Esta relação de identidades negativas não é exclusividade do que é linguístico. A mesma forma de relação que se dá nos sistemas, nos sintagmas, encontra sua correspondente nas identidades subjetivas (de gênero, étnicas...) e nas relações de trabalho. Assim se constituem as línguas (forma), as identidades ‘subjetivas’ (forma), as relações de trabalho (forma), cada sistema



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

preserva sua autonomia, apesar de suas relações indissociavelmente recíprocas a um nível determinado.

O valor linguístico não está nos signos, não existe por si só. Ele só se estabelece no uso e na “diferença geral dos signos [dos significantes] *mais* a diferença geral das significações [dos significados] *mais* a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente.” (SAUSSURE, 2004, p.31 grifo do autor). É o que se estabelece como valor negativo, valor relacional. Um aspecto não muito evidenciado é que esse *valor* negativo no sistema, que a nosso ver é o princípio do corte saussuriano, conceito do valor *solidário* e *instantâneo*, que é absolutamente linguístico, divide-se em seus usos em uma aparente ‘positividade’ sintática na sentença, uma aparente ‘positividade’ semântica no discurso. E uma consequência no real, pois “a língua só é criada com vistas ao discurso” (SAUSSURE Apud STAROBINSKI, 1974, p.12), ou melhor dizendo: “a língua entra em ação como discurso.” (SAUSSURE Apud STAROBINSKI, 1974, p.12). Importa ressaltar as relações de correspondência total entre uso (emprego), forma, valor e sentido.

Para Saussure, a identidade morfológica é decorrência da solidariedade entre forma, sentido, valor e emprego. Formas e ideias não existem por si mesmas, sendo dependentes do seu emprego e de sua representação. “Admitir a forma fora de seu emprego é cair na *figura vocal* que pertence à fisiologia e à acústica.” (SAUSSURE, 2004, p.33 grifo do autor). As identidades não são tratadas como propriedades intrínsecas, mas como um valor relacional que é ser idêntico/não-idêntico. “Tudo o que é considerado idêntico forma, por oposição ao que não é idêntico, um *termo finito*.” (SAUSSURE, 2004, p.34, grifo do autor). Analogamente também as identidades de classe e, ou identidades subjetivas são entidades complexas, que só se estabelecem (adquirem forma) por oposição e, além disso, só se constituem para nós discursivamente. Sendo “FORMA [...] a entidade ao mesmo tempo *negativa* e *complexa*: que resulta (sem nenhuma espécie de base material) da *diferença* com outras formas, COMBINADA à *diferença* de significação de outras formas.” (SAUSSURE, 2004, p.36, grifo do autor).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## Conclusão

Segundo Escobar (1973), “o projeto linguístico inteiro de Saussure, modula este núcleo teórico fundamental a que se abrem as questões em torno do signo linguístico.” (p.134) e é preciso a máxima clareza neste assunto, pois, “o ‘linguístico’, propriamente dito, se mostra apenas [...] na incidência do ‘conceito’ com a ‘imagem acústica’”. (p.125) e assim a compreensão de que é nesta medida que devemos ver a autonomia do que é linguístico e arbitrário. O que é diferente de supor que um sistema de línguas existe e se reproduz por si só, sem nada comunicar, reivindicar; sistema enfim sem efeito algum. Em outras palavras, o signo pode ter sua dimensão indiferente à realidade. O oposto não acontece.

Deste modo, embora o material imanentemente linguístico não tenha qualquer relação direta com a realidade social desde uma perspectiva linguística, contrariamente seria na dupla articulação do signo que esse social se daria a ser e a conhecer. É justamente na *dupla essência da linguagem* que possibilita a autonomia da linguística que o social é possível. Logo, compreende-se a pertinência de uma CDI servindo tanto à linguística quanto à história. Não bastasse a compreensão de que a própria história é uma construção semiologicamente produzida.

Por mais que uma *ciência linguística* constitua-se internamente a partir da autonomia de seu objeto de conhecimento, assim como toda ciência independente em si mesma, ela se constitui e existe envolvida em um contexto histórico que a condiciona. Haja vista que se o contrário fosse verdade, a ciência linguística estaria pronta e acabada. As condições históricas da linguística são os saberes instituídos, as ideologias dominantes, as identidades possíveis, as ‘línguas naturais’ que nos são transmitidas, etc. Não é preciso lembrar que a história se faz e dá a conhecer da relação entre os sujeitos e os signos, e não se pode desfazer o vínculo recíproco entre a história e o discurso.

Portanto, dentro desta leitura pontual de determinados conceitos, princípios, proposições, etc. saussurianos que realizamos no presente artigo, não há razões fortes o bastante para impedir e há diversas razões para aceitar que a CDI se vincule à linguística. A nosso ver tudo se dá numa relação *caleidoscópica* na qual os signos são as peças, língua, sujeito e história são os espelhos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOBAR, C. H. *Proposições para uma semiologia e uma linguística*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1973, 246p.

KOGAWA, J. M. M. *Aspectos da emergência da AD no Brasil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, IV SEAD, Porto Alegre, novembro de 2009, 6p.

\_\_\_\_\_. *Por uma arqueologia da análise do discurso no Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012, 209p.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. Simon Bouquet e Rudolf Engler (orgs.), Carlos Augusto Salum e Ana Lúcia Franco (trad.) São Paulo: Cultrix, 2004, 275p.

\_\_\_\_\_. *Curso de linguística geral*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), Antonio Chelini et al (trad.), 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, 279p.

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Carlos Vogt (trad.), São Paulo: Perspectiva, 1974, 117p.